

A DINÂMICA ORGANIZACIONAL ESCOLAR E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A QUALIDADE DA SAÚDE DE PROFESSORES.

Maria Sandra Montenegro¹

Resumo

Neste artigo apresentamos os resultados de uma investigação realizada com professores de escolas públicas, que estudavam no Curso de Pedagogia do Centro de Educação. O objetivo foi compreender como a dinâmica da organização escolar interferiu na qualidade da saúde e identificar os fatores de risco. Os dados demonstraram dois cenários explicativos e interligados nesta situação problemática: dificuldades oriundas da reestruturação capitalista do trabalho e de conflitos vivenciados no interior das escolas. Concluímos que algumas ações podem ser experimentadas nas escolas: discutir coletivamente sobre saúde, qualidade de vida no trabalho, desenvolvimento de alternativas facilitadoras do enfrentamento das pressões externas e internas.

Palavras-chave: Dinâmica organizacional. Qualidade de vida no trabalho. Saúde de professores

Abstract

This article results of a research with public school teachers. They study Pedagogy in the center of education. The goal was to understand how the dynamics of school organization interferes with the quality of health and to identify the risk factors. Fourteen teachers participated the research. The data's presents twos scenarios to explain the problematic situation: difficulties arising from the capitalist labor restructuring and conflicts experienced into the schools. We conclude that some actions can be experienced collectively, like that: discuss health and quality of working life; facilitating development enabling alternative coping with external and internal pressures.

Key-words Organizational dynamics. Healthteachers; Quality of life at work.

Introdução: O objeto de pesquisa e as questões de investigação

Eleger a problemática das relações existentes entre a dinâmica das organizações escolares e suas repercussões na qualidade da saúde dos professores como objeto de estudo implica exercitar o equilíbrio diante de tema tão amplo, com muitos resultados que se aproximam e se referendam a cada ano. O processo de construção da pesquisa foi elaborado a partir de reflexões em torno de discursos presentes no cenário social e acadêmico sobre a necessidade da educação pública se tornar melhor, com mais qualidade de ensino, tendo a formação docente como um pilar central para concretização desta desejada mudança, e, ao mesmo tempo, pela escuta dos saberes

¹) Doutora em Educação. Professora do Departamento de Administração Escolar e Planejamento Educacional. Centro de Educação – UFPE. E-mail: sandra.montenegro@yahoo.com.br
Revista de **Administração Educacional**, Recife, V. 1 . Nº 2 . 2015 jul./dez 2015 p.60-75

trazidos pelos estudantes em sala de aula. O campo de escuta está localizado nas disciplinas Trabalho de Conclusão de Curso I e II, vivenciadas entre 2013 e 2014. Grande parte das problematizações trazidas para as aulas estavam direcionadas as situações difíceis do contexto profissional de alguns estudantes que lecionam em escolas públicas, são professores buscando uma primeira formação em Pedagogia ou tentando mais uma graduação por diferentes razões. Sentimos em suas falas um misto de desencantamento e desejo de enfrentar os conflitos, e isto nos incentivou a incursionar pelo interior das organizações escolares, considerando as intersecções entre a estrutura formal e a estrutura social das escolas, que, por sua vez, são geradoras de situações que só as compreendemos quando entramos em seus bastidores e dialogamos pacientemente com aqueles e aquelas que constroem dia-após-dia a arquitetura pedagógica e relacional do espaço de trabalho.

As agendas investigativas e metodológicas predominantes neste tema são volumosas e datam desde 1970, isto demonstra que a qualidade da saúde docente ainda não é uma questão resolvida em muitos países desenvolvidos ou não. A perplexidade predomina em muitos trabalhos ao se constatar que a qualidade da saúde no trabalho ainda está precária e com poucas decisões são tomadas a respeito. Consultamos algumas bases de dados eletrônicas (capes, Scielo, EBSCO) e com isto foi possível conhecer as tendências quanto as filiações teóricas-conceituais, o lugar ocupado pelas organizações escolares enquanto campo empírico, como as palavras dos professores estavam situadas e analisadas.

Pesquisas publicadas por Dejours (2002, 2007), Codo (2009) Goulejac (2011), Bendassolli (2011) e Chanlat (2011) demonstram a intensidade da degradação do trabalho desde o século XX, que, amparada sob o disfarce da modernização provocou uma profunda inserção dos países ocidentais no mercado internacional, causando mais instabilidade nas condições de vida de milhares de pessoas. Estes autores realçam que a intensidade e o enfrentamento do adoecimento laboral variam entre países, considerando os contextos políticos, sociais, econômicos, e dependem de variáveis como: tempo de trabalho, capacidade subjetiva de resiliência, qualidade das relações interpessoais, relações de poder, as condições de vida dos quadros de profissionais. No caso das organizações escolares ficam evidenciados problemas de diversas ordens, tais como: quantidade insuficiente de professores e de outros funcionários necessários ao

Revista de **Administração Educacional**, Recife, V. 1 . Nº 2 . 2015 jul./dez 2015 p.60-75

bom funcionamento da escola, crescente desqualificação social dos professores, vulnerabilidade da escola aos problemas sociais geradores de conflitos graves e intensos, interações sociais de má qualidade, dentre outros.

Destacamos que o protagonismo das organizações escolares públicas no Brasil tem sido considerado relevante por diversos pesquisadores, apesar das dificuldades que as escolas públicas apresentam ao longo de sua trajetória histórica. São importantes no sentido de democratizar a educação ao possibilitar a inclusão de minorias nos processos de aprendizagem escolar e de sociabilidade.

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa devido a sua essência, a mesma contém a condição de compreender os fenômenos a partir das perspectivas, experiências e percepções construídas pelos participantes da investigação em suas realidades. Em vista da escola ser na atualidade um espaço de intensa convivência, de interação social, de trocas simbólicas e de trabalho, delineamos como objetivo principal da pesquisa compreender como a dinâmica da organização escolar interfere na qualidade da saúde de seus docentes. Os questionamentos propostos foram: o que acontece nos bastidores de algumas escolas públicas que provocam o adoecimento de professores? Quais as repercussões desse suposto adoecimento no corpo, no desejo e na palavra dos docentes participantes da pesquisa? Quais as alternativas para o enfrentamento dos limites e da dor provocados à revelia desses sujeitos? Estas indagações foram propostas ao grupo participante, constituído por 14 (quatorze) estudantes e que atuavam como docentes em escolas de redes públicas de ensino. Foram selecionados os estudantes que possuíam um horizonte temporal de experiência profissional entre cinco e dez anos. Utilizamos entrevistas, questionário, escrita de si e discussões em pequenos grupos para compor a matriz de análise dos conteúdos das falas.

A reflexão teórico-epistemológica aqui desenvolvida se sustenta em um enfoque interdisciplinar, dialogando com abordagens elaboradas por Foucault (2000, 2004), Deleuze (2000), Morin(2012) porque o conjunto de suas produções compreende o sujeito como um ser constituinte de vida, de fala, de representações relativas ao trabalho, à linguagem e demais dimensões humanas. Neste entendimento, vivemos na tensão entre o Eu e o Outro, localizados na interdiscursividade, e, através das palavras, do silêncio, dos esquecimentos conhecemos de qual lugar os sujeitos estão situados,

elaboram modos de resistir e colocam a vida em movimento. Especialmente Michel Foucault torna possível analisar a escola a partir de três dimensões interligadas: os sistemas de saber, de poder e as relações do eu consigo próprio.

Ao mesmo tempo, os autores citados se distanciam de análises binárias presentes no pensamento ocidental onde erro\verdade; pensamento\identidade; essência\aparência; razão\emoção não estão hierarquizados, mas são constitutivos do ser humano.

Na revisão da literatura sobre o tema destacamos as produções de conceituados autores: Nóvoa (2000), Codo (2007), Zaragosa (2002), a partir de uma perspectiva pedagógica consideram importante investigar as organizações escolares sem descuidar das questões políticas e sociais que a envolvem; Bendassolli (2011), Chanlat (2010) e Dejours (2007) representam uma abordagem sociopsicológica das consequências do desgaste das condições de trabalho e seus impactos na qualidade da saúde.

Ressaltamos que este texto é uma síntese dos resultados da pesquisa elaborada entre os anos de 2013 e 2014, uma vez que a investigação comportou uma expressiva quantidade de relatos que não cabem nos limites exigidos por um artigo.

Organizações escolares em tela

A organização escolar pública tem se convertido em um dos núcleos de interesse para aqueles que buscam analisar e compreender as peculiaridades e singularidades presentes em cada escola. Embora possuam semelhanças, existe uma dinâmica singular carregada de valores, intenções e tensões explicativas do modo de ser e de viver nas escolas. No quadro da estrutura organizativa da escola os professores deveriam estar situados em um relevante lugar, uma vez que atuam na construção cultural e educativa, possuem um alto grau de responsabilidade e de poder ao atuarem em vários níveis: a gestão, o pedagógico e o político.

A governabilidade do espaço escolar acontece com os diversos sujeitos que o compõe – estudantes, pais, funcionários da estrutura administrativa, representantes da comunidade, dentre outros, porém, é esperado dos professores uma centralidade na reconstrução do conhecimento, no desenvolvimento de valores relevantes para a consolidação da democracia, por exemplo, participação, liberdade, justiça, tolerância; além disto, se exige capacidade para motivar e simultaneamente controlar os alunos.

Revista de **Administração Educacional**, Recife, V. 1 . Nº 2 . 2015 jul./dez 2015 p.60-75

Bendassolli (2011) identifica fatores sociais e institucionais em níveis de exigências cada vez maiores para os trabalhadores de todas as áreas. Codo (2007) ressalta que os desafios enfrentados pelos professores na atualidade esgarçam seus corpos e mentes. No agir diário precisam ser competentes para incorporar novas tecnologias da informação ao ensino; desenvolver a capacidade afetiva com alunos e colegas; relacionar-se com as famílias de seus estudantes, tendo que se deslocar até a casa de algumas famílias, principalmente quando identificam ausências constantes de alunos; trabalhar em cooperação com os diversos setores e grupos da escola.

O trabalho docente dentro das organizações escolares demanda contatos interpessoais muito intensos. Quando não há alternativas facilitadoras de convivência e de um ethos que não se renda à lógica do culto à competência e ao rendimento pode ocorrer desilusões, frustrações e raiva, vulnerabilizando a saúde de professores (ZARAGOZA, 2002).

O sobretrabalho aloja-se no corpo e a denúncia desta condição se percebe através dos sintomas visíveis, como, dores de cabeça constantes, baixa imunidade, irritabilidade, tristeza, dentre outros. O sujeito torna-se um tarefeiro, levado pelo turbilhão do dia-a-dia, sem se dar conta que está sendo arrastado para uma situação ou lugar do qual não conhece o caminho.

A turbulência de uma vida profissional deformada pelas condições impostas por um modelo político e econômico anulador de sentidos irá se revelar na materialidade dos corpos. Foucault (1992) afirma que “sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito” (p.22), nesta direção, as características organizacionais das escolas na sociedade atual se distanciam cada vez mais de um modelo de vida baseado no bem comum, mas, pelo contrário, em interesses individuais privados e quase todas as coisas se transformaram em produtos para compra e consumo.

Para Nóvoa (2009), é relevante para a qualidade do trabalho nas organizações escolares o clima de segurança, de continuidade e de interação entre os seus diversos atores, assim como o desenvolvimento de condições adequadas de funcionamento da estrutura física da escola (recursos materiais, organização dos espaços), da estrutura administrativa

Revista de **Administração Educacional**, Recife, V. 1 . Nº 2 . 2015 jul./dez 2015 p.60-75

(gestão, tomada de decisão, conselhos escolares) e da estrutura social (clima social). Este autor reforça a ideia da impossibilidade de isolar o funcionamento da escola dos universos sociais que a envolvem, e analisa que “os professores são criticados por não garantirem na escola aquilo que a sociedade não consegue fora dela” (NÓVOA, 2009, p.57).

É consenso entre os pesquisadores analisados que existe uma relação entre o que ocorre nos bastidores das organizações escolares, o desprestígio social, os baixos salários e as precárias condições de trabalho, pois este conjunto de elementos afetam um significativo número de professores.

Zaragoza (2000) afirma que a profissão docente é uma atividade ambivalente, pois, para alguns docentes se constitui em fonte de auto realização pessoal e estão dispostos a dar o melhor de si para que os seus alunos aprendam. Para outros professores a docência é uma permanente fonte de tensão que pode romper o equilíbrio pessoal, fragilizando-os em diversos aspectos. As investigações deste autor se desenvolvem ao longo de mais de trinta anos e se detém em explicar as razões dessa ambivalência. Ressalta, ainda, que não existe tipos puros, ou seja, o professor sempre infeliz e o professor sempre alegre devido as oscilações das condições de vida e do ambiente de trabalho. Também entende que a formação inicial tem importância na capacidade dos professores se sentirem preparados para agirem diante dos impasses, das dificuldades e assumirem responsabilidades próprias do ofício de ensinar.

Em um relato de pesquisa, Zaragoza (2002, p. 128) descreveu as principais consequências do mal-estar docente na sociedade atual e elaborou o seguinte quadro de indicadores apresentados em ordem decrescente:

1. Sentimentos de desconcerto e insatisfação ante os problemas reais da prática do magistério, em franca contradição com a imagem ideal do mesmo que os professores gostariam de realizar.
2. Desenvolvimento de esquemas de inibição, como forma de cortar a implicação pessoal do trabalho realizado.
3. Pedidos de transferência como forma de fugir de situações conflitivas.
4. Desejo manifesto de abandonar a docência.
5. Absenteísmo trabalhista como mecanismo para cortar a tensão acumulada.

6. Esgotamento. Cansaço físico permanente.
7. Ansiedade como traço ou ansiedade de expectativa.
8. Depreciação do ego. Autoculpabilização ante a incapacidade para melhorar o ensino.
9. Ansiedade como estado permanente, associada como causa-efeito a diversos diagnósticos de doença mental.
10. Neuroses reativas
11. Depressões.

É possível, a partir do que está exposto acima, compreender que a qualidade da saúde de professores depende de fatores diversos, como a crescente exigência de responsabilidades impostas, extrapolando o papel que era atribuído ao professor, o de conhecer e dominar as técnicas de sua disciplina, de sua área de ensino. Além desta capacidade, os professores devem se responsabilizar pelos valores que serão ensinados, cuidar do equilíbrio emocional dos alunos, desenvolver afetividade para com eles, atender aqueles com necessidades especiais matriculados em sua turma e participar de formações continuadas, mesmo que não atribua significado a essas.

Os autores estudados e citados neste artigo reconhecem que a fragmentação do trabalho do professor, as mudanças de expectativas em relação ao sistema educativo e as alterações na relação professor-aluno são geradoras de grande preocupação e ansiedade em grande parte do contingente de professores que vivenciam as incertezas da profissão e contribuem para o aprofundamento do mal-estar docente.

A pesquisa realizada: evidências e questões apontadas

A pesquisa realizada possibilitou identificar e analisar como está a situação de adoecimento de professores de escolas públicas de redes municipais, assim como saber quais os impactos do ambiente de trabalho na qualidade da saúde desses participantes da pesquisa. Apresentamos a seguir alguns extratos de escritos e falas dos professores que participaram da pesquisa. O quadro abaixo resume a identificação do perfil dos mesmos.

Quadro I – Perfil dos professores (as)

Faixa Etária	Tempo de docência	Níveis que atuam
12 docentes com idade entre 25-35 anos	09 docentes entre 05 e 08 anos de atuação.	Fundamental I – 12 docentes.
02 docentes com idade entre 36-46 anos	04 docentes com 09 anos de atuação	Fundamental II – 02 docentes
	01 docente com 15 anos de atuação	

Dos quatorze participantes da pesquisa, dez deles foram estudantes de escolas pública e apenas quatro professores\estudantes relataram que frequentaram escolas públicas e particulares em diversos momentos de suas vidas. Todos dependem do salário de professores para sobreviverem materialmente, mas contam com a participação de outros parentes para equilibrar o orçamento familiar. Doze participantes são do sexo feminino e dois são do sexo masculino.

Perguntamos sobre a escolha da profissão e uma professora respondeu que “nunca havia pensado sobre isto, foi acontecendo, as necessidades de trabalhar surgiram e o que estava mais fácil de fazer foi ensinar. Comecei com aulas de reforço e daí fui em frente” (professora 02). Os demais professores disseram que foi uma escolha consciente, “apesar dos alertas de familiares e amigos” (professor 10).

Em outro momento, o diálogo se desenvolveu em torno sobre a organização das escolas em que trabalham e todos disseram que os rituais de início de aula, fazer chamada, hora do recreio, ensinar os conteúdos, passar tarefas de casa sejam algo do cotidiano são ações que reconhecem como fazendo parte da função e não se incomodam em fazê-lo. Mas não deixaram de observar que em muitos momentos sentem vontade de mudar este formato, mas que não é permitido, pois as cadernetas de aula precisam estar preenchidas com todas as informações solicitadas pelas respectivas secretarias de educação.

Em relação as condições de saúde, seis professores tomam medicação controlada para melhorar o transtorno de ansiedade, mas não fazem nenhuma terapia, conforme a fala de uma das participantes: “tem que ser na base do remédio porque o salário não dá para ir a psicólogos, tem que enfrentar a situação com o que é possível” (professora 08). Outro docente considerou que embora na rede municipal de educação do Recife exista o apoio

Revista de **Administração Educacional**, Recife, V. 1 . Nº 2 . 2015 jul./dez 2015 p.60-75

para os docentes que apresentam transtornos emocionais, ele não recorre a este serviço devido ao tempo que é escasso e ao formato aligeirado do atendimento. O grupo concordou com a fala destes professores e ressaltou que “não adianta tentar resolver com paliativos, quando a situação é muito profunda” (professora 03).

Situando e revelando falas

No transcorrer das entrevistas e das escritas que aconteciam em encontros previamente marcados, se perguntou sobre o que acontece nos bastidores de algumas escolas públicas que provocam o adoecimento de professores? Abaixo segue o quadro com as respostas em bloco devido a semelhança das respostas.

Quadro II – O interior das organizações

Núcleo de Significação	Indicadores mais ressaltados
O incômodo da violência	O número de agressores tem aumentado, não são somente os alunos, são pais, colegas, parentes diversos (08 professores). As escolas são depredadas, cadeiras e lâmpadas quebradas, o patrimônio público é tratado com desrespeito (03 professores). O clima em torno da escola é de insegurança, são bairros com alto índice de violência (03 professores)
O incomodo da decadência	A escola pública está desvalorizada, decadente. Não adianta colocar salas com computadores e trancar para os alunos não quebrarem (02 professores) Os alunos vão a força para a escola, é mais pela Bolsa Família, merenda, amizades, mas estudar, não. Os pais desistiram de educar seus filhos e agora é o professor que arca com mais uma tarefa (09 professores).

	Os alunos têm acesso a computador, internet e pensam que sabem tudo, confrontam o professor com desrespeito. É uma decadência em diversos sentidos (01 professor).
O incômodo da indisciplina	Muita indisciplina sem razões, só pelo fato de atrapalhar a aula. É um dilema convencê-los a participar da aula. Não são todos, mas a sala fica contagiada como uma doença porque os indisciplinados desviam a atenção dos que querem aprender (12 professores)
O incômodo da solidão	Se fala muito em trabalho coletivo, mas a verdade é cada um por si. Temos alguns colegas mais próximos, mas é um sentimento de tristeza lidar com problemas que são semelhantes para todos, mas a pressa é tão grande que cada um vai ficando em seu lugar e quando levanta os olhos é que percebe como o tempo passou depressa e quase não se viveu (09 professores)
O incômodo de não ter tempo para cuidar de si mesmo	Quase não cuidamos da saúde. Quando os problemas vão se acumulando é que se vê o prejuízo. (06 professores) Trabalho, estudo, trabalho, é só isto o tempo. Lazer, diversão, tempo para cuidar da vaidade...fica só no desejo. (08 professores)

Para Foucault (2002), a escola surgiu na modernidade com função disciplinadora, capaz de produzir sujeitos dóceis e submissos, dominando-os de forma sutil, quase imperceptível. A escola cria padrões sancionados de conduta e aqueles que não se submetem são classificados como desordeiros, loucos, marginais porque desestabilizam o espaço de como ‘as coisas deveriam ser’. Lidar com a insubmissão é difícil porque os professores são preparados para trabalhar com turmas que supostamente irão saber escutar, querer realizar as atividades previstas e aprender com interesse o que se propõe.

De acordo com Foucault (2002, p. 196)

O hospital, primeiro, depois a escola, mais tarde a oficina (...) foram aparelhos e instrumentos de sujeição. Foi a partir desse laço, próprio dos sistemas tecnológicos, que se puderam formar no elemento disciplinar a medicina clínica, a psiquiatria, a psicologia da criança, a psicopedagogia, a racionalização do trabalho.

O professor também é afetado por esse modelo de sujeição, que também é criado ou fortalecido por ele e engendrado nas tramas de poder por dentro da escola. Ao mesmo tempo alimenta a ilusão de que a formação, o aprendizado do Outro está no campo da transmissão dos conteúdos. Talvez ainda não perceba que o processo de conhecer\aprender é semelhante a entrar em um labirinto, com idas e voltas, de procuras, recortes, reconstrução, desejo e negação que se constituem em movimentos de vida e exigem mais do que estar de corpo presente em sala de aula.

Reforçando o que foi expresso acima,

é a partir do momento em que há a disciplina escolar que vocês vêm aparecer algo como o débil mental. O irreduzível à disciplina escolar só pode existir em relação a essa disciplina; aquele que não aprende a ler e a escrever só pode aparecer como problema, como limite, a partir do momento em que a escola segue o esquema disciplinar. Do mesmo modo, quando é que apareceu a categoria que chamamos de delinquentes? Os delinquentes não são os infratores – é verdade que toda lei tem como correlato a existência de infratores que violam a lei -, mas o delinquente como grupo inassimilável, como grupo irreduzível, só pode aparecer a partir do momento em que existe uma disciplina policial em relação à qual ele emerge (FOUCAULT, 2002, p. 67).

Em seguida, indagamos sobre as repercussões desse suposto adoecimento no corpo, no desejo e na palavra dos docentes participantes da pesquisa. De um modo geral, todos identificaram um conjunto de problemas de saúde pelos quais receberam tratamento e em situações mais graves se afastaram da sala de aula para se tratarem adequadamente.

O adoecimento apareceu no corpo físico em forma de insônia, sudorese, palpitação cardíaca, impaciência em alto grau, baixa imunidade, ansiedade e\ou desânimo. Uma professora foi diagnosticada com transtorno do pânico, depressão e passou três meses afastada da sala de aula, uma vez que, segundo seu depoimento, passou a desenvolver um medo irracional de ir trabalhar a ponto de desmaiar ao chegar próximo do local de trabalho.

Verifica-se no conjunto de situações expressas pelos professores o desenvolvimento de uma relação patológica com o local de trabalho e com as pessoas que precisa educar, se relacionar. Esta patologia é motivada por diversos fatores: a insegurança de não saber como lidar com o atual perfil do alunado, dificuldades em mediar conflitos, apaziguar ânimos e de encontrar caminhos alternativos para uma convivência menos problemática e criar um ambiente de ajuda mútua. É possível que a solidão se instale como um mecanismo de defesa para não enfrentar o Outro que pensa diferente e nem sempre corresponde ao ideal que projetamos.

No entender de Morin (2014),a “fragmentação e o distanciamento do conhecimento em nossas sociedades impacta a qualidade de ser e de viver nas escolas; há debates sobre os objetivos sociais de ensino, mas esses debates são realizados de uma maneira insulada e segmentada (p.28). Essa fragmentação do conhecimento causa desânimo em alunos e professores devido à perda de sentido do ato de educar\aprender. Em consequência a sensação de inutilidade revelada por alguns professores:

“Eu me sinto como se não tivesse muita importância no trabalho. Eu sei que é importante aprender, saber ler, escrever, mas depois que aprendem o básico...alguns alunos até querem aprender mais coisas, mas é tudo muito **confuso**” (professora 01).

“O professor não é mais uma pessoa relevante. Cada vez mais ele perde valor, importância. Mas ninguém se forma sem um professor, isto ninguém enxerga” (professora 05)

Pergunto a professora 01: o que você considera confuso? Ela responde que leciona em uma turma com muitos alunos de diversas faixas etárias. Uma turma do quarto ano do Ensino Fundamental I, mas com alunos de idade entre 09 a 15 anos. Para ela isto se constitui em dificuldade “devido aos diversos interesses dos alunos. Os mais velhos

querem brincar, namorar, são quase adultos no comportamento, embora se perceba muita infantilidade, também”.

As práticas de valorização do professor, que antes era visto como aquele que seria o modelo de mestre vai cedendo lugar a um outro tipo de percepção sobre seu lugar e papel em sala de aula:

Fortemente inspirados por Ruysbroeck e na mística renana, transpuseram à educação uma parte das técnicas espirituais – e não só à educação dos clérigos, mas à dos magistrados e comerciantes: o tema da perfeição, em direção à qual o mestre exemplar conduz, torna-se entre eles o de um aperfeiçoamento autoritário dos alunos pelo professor; os exercícios cada vez mais rigorosos propostos pela vida ascética tornam-se tarefas de complexidade crescente, que marcam a aquisição progressiva do saber e do bom comportamento (...) Sob sua forma mística e ascética, o exercício era uma maneira de ordenar o tempo aqui de baixo para a conquista da salvação. Vai, pouco a pouco, na história do Ocidente, inverter o sentido, guardando algumas características: serve para economizar o tempo da vida, para acumulá-lo de uma maneira útil, e para exercer o poder sobre os homens por meio do tempo assim arrumado. O exercício, transformado em elemento de uma tecnologia política do corpo e da duração, não culmina num mundo além; mas tende para uma sujeição que nunca terminou de se completar (RUYSBROECK, 2002, p. 137).

Um dado que foi mencionado nos vários encontros em grupo e nas entrevistas é a dificuldade de encontrar tempo para cuidar de si. Não somente da saúde, mas relatam que quase não têm tempo para estar com a família e isto é gerador de tensão em suas vidas conjugais, com filhos ou pais. São vistos como os que não têm tempo para viver, só para trabalhar. “Mas a escola exige resultados, tem que entrar no ranking, tem que aprovar, tem que fazer o outro aprender. É uma corrida geral, quase enlouquecemos com tanto que é exigido. Tem formação continuada, reuniões, planejamento, correções, preparar festas, participar de eventos, de cursos extras, enfim, tudo é para ontem” (fala da professora 04 e confirmada por diversos outros participantes).

Para Foucault

uma relação de violência age sobre um corpo, sobre as coisas; ela força, ela submete, ela quebra, ela destrói; ela fecha todas as possibilidades; não tem, portanto, junto de si, outro pólo senão aquele da passividade; e se encontra uma resistência, a única escolha é tentar reduzi-la. Uma relação de poder, ao contrário se articula sobre dois elementos que lhe são indispensáveis por ser exatamente uma relação de poder: que o outro (aquele sobre o qual ela se exerce) seja inteiramente reconhecido e mantido até

o fim como o sujeito da ação; e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, efeitos, invenções possíveis (FOUCAULT, 2002, p.243).

Quais as alternativas para o enfrentamento dos limites e da dor provocados à revelia desses sujeitos? Esta foi a pergunta final que discutimos. Em geral, os docentes enfatizaram que precisam aprender a viver com as incertezas, com as dificuldades da vida profissional, mas não viver passivamente, disse um professor, e foi completado por uma colega ao dizer que “lamenta o descaso das políticas públicas com a saúde dos professores, mas que é preciso fortalecer a luta no sindicato, erguer a cabeça quando o desânimo tomar conta” (professora 01). Também ressaltaram que apesar de adoecerem por conta de situações vivenciadas no ambiente de trabalho (“gestores perversos, colegas sem união, alunos sem motivação para aprender”) ainda irão insistir e permanecer na profissão.

Ainda predomina o enfrentamento da dor emocional e física com medicamentos receitados pelos médicos e estratégias que eles denominaram de ‘fazer a sua parte’, ou seja, uma atitude de busca pelo isolamento para tentar diminuir os conflitos relacionais.

Considerações finais

Ao tentar descrever os resultados da pesquisa e selecioná-los para que pudessem caber em um artigo, pegamo-nos pensando sobre o que seria importante apresentar. Quais os dados mais significativos no núcleo da pesquisa? Não foi fácil a escolha, principalmente porque tentamos dialogar com algumas proposições elaborados por Foucault (ele não gostava que seu trabalho fosse visto como uma teoria constituída, pronta), Morin, Dejours e outros autores que investigam os sujeitos e suas múltiplas dimensões, situadas na história, no corpo, na linguagem e em relação consigo e com os Outros.

As pesquisas de Zaragoza (2000); Araújo (2013); Mendes (2008), Noronha (2009) e Codo (2007) confirmam que os modos de funcionamento das organizações escolares estão adoecidas, as marcas dos conflitos aparecem no corpo físico e mental de seus professores. Nesta pesquisa e nas dos autores citados, os trabalhos de investigação foram realizados com docentes de escolas diferentes, mas os problemas relatados foram muito semelhantes. Portanto, existe um consenso sobre o desajustamento funcional, que

Revista de **Administração Educacional**, Recife, V. 1 . Nº 2 . 2015 jul./dez 2015 p.60-75

tem origem no contexto externo e interno a escola. As licenças médicas se avolumam, as desistências da profissão estão sendo evidenciadas, a perda pelo interesse no trabalho, dentre outros fatores. Dentre os indicadores descritos por Zaragoza (2002), encontramos nas falas dos professores que participaram da pesquisa, os seguintes problemas: Esgotamento, cansaço físico permanente; ansiedade, desenvolvimento de esquemas de inibição, como forma de cortar a implicação pessoal do trabalho realizado. Um caso de depressão e outro de síndrome do pânico também foram relatadas por um dos participantes com mais de dez anos de docência.

De fato, o grande volume de pesquisas sobre a relação entre organização de trabalho e qualidade da saúde estão evidenciados. Os dados empíricos comprovam, mas levantamos a hipótese que o adoecimento em curso também está relacionado ao modo de viver para além do espaço de trabalho. O que torna valioso a vida de alguém? Como se desenvolve a vida de nós professores para além da esfera de trabalho? O trabalho pode ser o grande definidor do que tem valor em nossas vidas? Como desenvolvemos o ofício de ser pessoa? Estamos olhando mais para o externo das coisas do que para o lado interno, subjetivo das pessoas? Por que não buscar a síntese dessas dimensões que estão só aparentemente separadas? São questões que não podem ser respondidas agora, quem sabe alguém aceite o desafio de procurar possíveis respostas.

Referências:

ARAÚJO, Lilian. **O adoecimento psíquico de professores da rede pública estadual: perspectiva dos docentes**. Rio de Janeiro: ENPAD, 2013.

BENDASSOLLI, P. **Trabalho e identidade em tempos sombrios**. São Paulo: **Ideias**, 2011.

CAPELO, Maria Regina e POCINHO, Margarida. Vulnerabilidade ao stress, estratégias de coping e auto eficácia em professores portugueses. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.35, n.2, p. 351-367, maio\ago. 2009

CHANLAT, F. **O indivíduo na organização**. São Paulo: Atlas, 2011.

CODO, W. **O trabalho enlouquece?** Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

DEJOURS, C. **Psicodinâmica do trabalho**. São Paulo: Atlas, 2002.

_____, **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2007

DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro, Ed. 34, 2000.

Revista de **Administração Educacional**, Recife, V. 1 . Nº 2 . 2015 jul./dez 2015 p.60-75

- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____, **Microfísica do Poder**. Graal: Rio de Janeiro, 2000
- _____, **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- _____, **As palavras e as coisas**. Petrópolis: Vozes, 2004
- GOULEJAC, V. Gestão como doença social. São Paulo: **Ideias e Letras**, 2011.
- MENDES, A. M. **Trabalho e saúde**: o sujeito entre emancipação e servidão. Curitiba: Juruá, 2008.
- MORIN, E. **O método 5**. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- NORONHA, A. M. **O adoecimento docente em debate**. São Paulo: Olho D'agua, 2009
- NÓVOA, A. **As organizações escolares em análise**. Lisboa: Dom Quixote, 2009
- ZARAGOZA, J. M. **O mal-estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. Bauru: EDUSC, 2000.
- _____, A ambiguidade da docência. **Revista Teoria e Educação**. Porto Alegre, n. 5, p.41-61, 2002